Como a Inteligência Artificial Generativa (GenAI) pode afetar o mundo do trabalho? Uma discussão necessária neste Dia do Trabalhador

¿Cómo puede la Inteligencia Artificial Generativa (GenAI) afectar al mundo del trabajo? Un debate necesario en este Día del Trabajador

How Can Generative Artificial Intelligence (GenAI) Affect the World of Work? A Necessary Debate on Workers' Day

Frederico Peres

Resumo. Às vésperas de mais um 1º de Maio, o presente informe busca analisar os potenciais e reais impactos da expansão de uso de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (ou GenAI, sigla em língua inglesa) em diferentes processos de trabalho, a partir de dados levantados por um estudo recente, realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em diálogo com outras evidências e análises sobre o tema. Partindo da constatação que os impactos da GenAI são profundamente desiguais no conjunto dos países incluídos no estudo, o Documento de Trabalho 166 da OIT analisa diferentes estruturas da organização do trabalho, as tarefas assumidas (ou com potencial de serem substituídas) por algoritmos de plataformas de GenAI e, principalmente, os processos de exclusão digital que produzem grandes assimetrias no que se refere aos riscos e oportunidades de apropriação de tais tecnologias, bem como às desigualdades estruturais que impactam a promoção do trabalho decente, em diferentes partes do planeta. A análise integrada dos dados aqui apresentados leva à conclusão que embora uma tecnologia como a GenAI tenha o potencial de aumentar a produtividade e transformar o mundo trabalho, seus benefícios não se concretizam automaticamente, pois dependem de uma série de fatores estruturais que influenciam a forma como são apropriadas, impactando direta e indiretamente na qualidade de vida e de trabalho dos indivíduos. Nesse contexto, a divisão digital desempenha um papel central nos desfechos positivos e negativos, deixando evidente a necessidade de superação das históricas desigualdades - de raça, cor, gênero, etnia, classe social, formação, local de residência, entre diversas outras - a que trabalhadoras e trabalhadores estão submetidas/os, e reforçando a premissa que a apropriação de novas tecnologias, como a GenAI, pelo mundo do trabalho precisa ser, ao mesmo tempo, disruptiva, no sentido da modernização de processos de trabalho, e distributiva, no sentido de possibilitar melhores condições de trabalho para trabalhadoras e trabalhadores, ao redor do planeta.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa (GenAI); Mundo do trabalho; Precarização do trabalho; Divisão digital; Dia do Trabalhador.

Resumen. *En vísperas de otro 1 de mayo, este informe analiza los impactos potenciales y reales de la expansión del uso de herramientas de Inteligencia Artificial Generativa (GenAI) en diferentes procesos de trabajo, a partir de datos recopilados en un estudio reciente de la Organización Internacional del Trabajo (OIT), en diálogo con otras evidencias y análisis sobre el tema. Partiendo de la observación de que los impactos de la GenAI son profundamente desiguales entre los países incluidos en el estudio, el Documento de Trabajo 166 de la OIT analiza*

las diferentes estructuras de organización del trabajo, las tareas asumidas (o con potencial para ser reemplazadas) por los algoritmos de las plataformas de GenAI y, principalmente, los procesos de exclusión digital que generan grandes asimetrías en cuanto a los riesgos y oportunidades de apropiarse de dichas tecnologías, así como las desigualdades estructurales que afectan la promoción del trabajo decente en diferentes partes del mundo. El análisis integrado de los datos presentados aquí lleva a la conclusión de que, si bien una tecnología como la GenAI tiene el potencial de aumentar la productividad y transformar el mundo laboral, sus beneficios no se materializan automáticamente, ya que dependen de una serie de factores estructurales que influyen en su apropiación, impactando directa e indirectamente la calidad de vida y el trabajo de las personas. En este contexto, la brecha digital desempeña un papel central tanto en los resultados positivos como negativos, resaltando la necesidad de superar las desigualdades históricas —de raza, color, género, etnia, clase social, educación, lugar de residencia, entre muchas otras— a las que están sometidos los trabajadores, y reforzando la premisa de que la apropiación de nuevas tecnologías, como la GenAI, por parte del mundo laboral debe ser, a la vez, disruptiva, en el sentido de modernizar los procesos de trabajo, y distributiva, en el sentido de posibilitar mejores condiciones laborales para los trabajadores de todo el mundo.

Palabras clave: *Inteligencia Artificial Generativa (GenAI); Mundo del trabajo; Precarización del empleo; Brecha digital; Día del Trabajo.*

Abstract. *This report aims to examine the potential and actual effects of the increased utilization of Generative Artificial Intelligence (GenAI) tools in various work processes, informed by data from a recent study by the International Labour Organization (ILO) and supplemented by additional evidence and analyses on the topic. Beginning with the premise that the effects of GenAI are markedly disparate among the included nations, ILO Working Paper 166 examines various work organization frameworks, the responsibilities undertaken (or potentially supplanted) by GenAI platform algorithms, and primarily, the digital divide phenomena that generate significant disparities concerning the risks and opportunities associated with the adoption of such technologies, alongside the systemic inequalities that influence the advancement of decent work globally. The comprehensive analysis of the data indicates that while technologies such as GenAI has the capacity to enhance productivity and revolutionize the workplace, its advantages do not arise spontaneously; they are contingent upon various structural factors that affect its adoption, thereby directly and indirectly influencing individuals' quality of life and work. The digital divide is pivotal in generating both beneficial and detrimental effects, underscoring the necessity to address historical disparities related to race, color, gender, ethnicity, social class, education, and residence, among others, that affect workers. It reinforces the notion that the integration of new technologies, such as GenAI, into the workforce must be both transformative, in modernizing work processes, and equitable, in improving working conditions for employees globally.*

Keywords: *Generative Artificial Intelligence (GenAI); World of work; Job precarization; Digital divide; Labor Day.*

Introdução

A cada 1º de Maio, somos levados a refletir sobre os grandes desafios que enfrentam trabalhadoras e trabalhadores ao redor do planeta. A data, que celebra o Dia Internacional do Trabalhador desde o final do Século XIX, principalmente a partir da *Segunda Internacional* (ou Internacional Socialista), movimento de orientação marxista que, na Europa, lutava por

melhores condições de trabalho e garantia de direitos para a classe trabalhadora, em um contexto marcado pela intensificação dos processos de trabalho e da exploração da força de trabalho.

No Brasil, o 1º de Maio é comemorado desde o início do Século XX, tendo sido marcado por diversos fatos históricos, como a primeira Greve Geral no país (01/05/2017), a criação do salário-mínimo (01/05/1940) e a promulgação da Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT (01/05/1943). Durante a Ditadura Militar, a data marcou momentos de disputa entre as celebrações de caráter ufanista, organizadas pelos governos autoritários e seus apoiadores, e por fortes mobilizações sindicais e de grupos que lutavam pela democracia, com destaque para as grandes greves do final da década de 1970, no ABC paulista, que lançaram como liderança nacional o atual Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Desde o período da redemocratização, as comemorações do 1º de Maio no Brasil, assim como em outras partes do planeta, são marcadas por reivindicações por melhores condições de trabalho, melhores salários, garantia de direitos trabalhistas e a equidade de acesso a oportunidades de trabalho, entre outras pautas essenciais ao movimento trabalhista internacional.

Neste 1º de Maio de 2026, entre conflitos armados e *policrises* (ou "crise de crises"), entre a flexibilização extremada dos contratos de trabalho (como a plataformização do trabalho, tema do último informe - https://cadernossaudeglobalfiocruz.net/csgf/article/view/239) e a sobrecarga que invoca a luta pelo fim imediato da escala 6x1, entre o desgaste (físico e mental) da classe trabalhadora e a luta pelo fim das iniquidades no mercado de trabalho, diversos são os temas que deveriam figurar em um artigo para marcar a data. Sem querer atribuir uma maior importância a um tema em detrimento de outro, buscou-se identificar, no presente texto, um tema que pudesse abordar o futuro do trabalho, no Brasil e internacionalmente, levando-nos a pensar sobre os rumos de um mundo do trabalho em constante e veloz transformação. E, assim, deu-se a escolha do tema do presente artigo: os potenciais e reais impactos da expansão de uso de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (ou GenAI, sigla em língua inglesa) em diferentes processos de trabalho, a partir de dados levantados por um estudo recente, realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Exposição (vulnerabilidade) à Inteligência Artificial Generativa (GenAI)

O rápido avanço da Inteligência Artificial Generativa (GenAI) tem gerado intensos debates sobre seu potencial de remodelar os mercados de trabalho, em todo o mundo. Diferentemente das ondas anteriores de automação, que visavam principalmente aumentar o ritmo e a escala de produção de atividades manuais rotineiras, a GenAI se distingue por sua capacidade de impactar tarefas não-rotineiras, de base cognitiva e voltadas a produzir conhecimentos, ampliando seu alcance para além do "chão de fábrica", se inserindo no âmbito de atividades de supervisão, administrativas e gerenciais, antes restritas a trabalhadoras e trabalhadores.

Com base em evidências coletadas em 135 países, o Documento de Trabalho 166 (https://www.ilo.org/sites/default/files/2026-03/wp166_web.pdf), da Organização Internacional do Trabalho (OIT), oferece uma das avaliações globais mais abrangentes a respeito de tais transformações no mundo do trabalho. Partindo da constatação que os impactos da GenAI são profundamente desiguais no conjunto dos países incluídos, analisa diferentes estruturas da organização do trabalho, as tarefas assumidas (ou com potencial de serem substituídas) por algoritmos de plataformas de GenAI e, principalmente, os processos de

exclusão digital que produzem grandes assimetrias no que se refere aos riscos e oportunidades de apropriação de tais tecnologias, bem como às desigualdades estruturais que impactam a promoção do trabalho decente, em diferentes partes do planeta.

Uma das principais evidências levantadas pelo estudo é que a exposição (ou vulnerabilidade) à GenAI apresenta uma correlação positiva com o nível de desenvolvimento econômico de cada país analisado. Países de alta renda apresentam percentuais significativamente maiores de empregos expostos (ou vulneráveis) à GenAI - aproximadamente 30 a 32% dos postos de trabalho disponíveis nestes países - em comparação com uma média de 15% entre os países de baixa renda. Esses resultados são determinados, principalmente, por diferenças estruturais do setor Trabalho nos diferentes grupos de renda. As economias mais desenvolvidas, por exemplo, apresentam maior concentração de postos de trabalho em funções administrativas, de supervisão e gerenciais - atividades que, de uma forma geral, dependem fortemente do trabalho cognitivo e do apoio de ferramentas digitais - e, assim, se encontram mais suscetíveis a serem substituídas por ferramentas de GenAI.

Em contraste, os países de baixa renda mantêm maiores percentuais de empregos na agricultura, nos serviços e na manufatura (de diferentes escalas), onde a aplicabilidade da GenAI é limitada. O estudo alerta, entretanto, que tal situação não torna os países menos desenvolvidos ou em desenvolvimento imunes à disrupção tecnológica produzida pela GenAI. Ao contrário, identifica que mesmo a vulnerabilidade sendo menor, no geral, quando comparada aos países de alta renda, ela está mais concentrada em postos de trabalho que demandam maior qualificação, como cargos administrativos e de gestão que, historicamente, servem como espaços de absorção da força de trabalho mais preparada - e objeto de desejo para aqueles que buscam a promoção/ascensão em determinadas carreiras.

O estudo distingue duas vias principais através das quais a GenAI afeta os mercados de trabalho: a automação, entendida como a substituição do trabalho humano em tarefas altamente expostas à GenAI; e a complementaridade, ou aprimoramento da produtividade do trabalhador por meio da assistência de ferramentas de GenAI. A partir de tal distinção, define uma escala de quatro distintos níveis de exposição (vulnerabilidade) à GenAI, sendo 1 o menor nível de exposição e 4 o maior. Países que se enquadram nos dois primeiros níveis (1 e 2), segundo o estudo, são considerados como de exposição moderada à GenAI, e aqueles que se enquadram nos dois últimos níveis (3 e 4) são considerados como de alta exposição. França e Estados Unidos, por exemplo, onde se estima que mais de 30% dos postos de trabalho estejam expostos à substituição por GenAI, são classificados como nível 4, enquanto países como o Zimbabwe e a Etiópia, com menos de 10% dos postos de trabalho em situação de vulnerabilidade, são classificados como nível 1.

Globalmente, segundo estimativas do estudo, a partir de evidências levantadas nos 135 países analisados, cerca de 17% dos empregos se enquadram em categorias de exposição moderada (níveis 1–2), onde o cenário de complementaridade por GenAI é mais provável, enquanto cerca de 8% enfrentam riscos mais elevados (níveis 3–4), com forte potencial de automação. É importante ressaltar que os riscos de automação estão mais concentrados em países de alta renda, enquanto o potencial de complementaridade é distribuído de forma mais uniforme e horizontal entre os demais grupos de países.

Os resultados do estudo sugerem que, em teoria, a GenAI poderia promover eficiência no desenvolvimento de tarefas de trabalho e ganhos de produtividade em diferentes partes do planeta. Entretanto, tal cenário (de forte viés otimista) está condicionado à capacidade de

trabalhadoras e trabalhadores acessarem e usarem efetivamente as tecnologias digitais, uma condição que, sabidamente, está longe de ser universalmente atendida.

A divisão digital e a "disrupção sem dividendos"

Um dos pontos mais significativos do estudo é a apresentação de fartas evidências que a desigualdade digital remodela fundamentalmente o impacto da Inteligência Artificial Generativa (GenAI) sobre o mundo do trabalho. Para tanto, os autores descrevem um fenômeno que classificam como "disrupção sem dividendos", particularmente evidenciado nos países em desenvolvimento.

Nesse grupo de países, e mesmo considerando aqueles postos de trabalho com alta exposição à GenAI, observa-se que seus trabalhadores realizam menos tarefas analíticas não-rotineiras (cognitivas, de produção do conhecimento) e mais tarefas rotineiras/manuais, quando comparados a seus pares em países economias de alta renda. Assim, países com preponderância de empregos que exigem alta intensidade digital e capacidade analítica sobem na classificação, enquanto aqueles em que as ocupações com alta exposição envolvem menos tarefas não rotineiras descem.

Tal contexto leva à emergência de duas assimetrias principais: trabalhadores cujos postos de trabalho encontram-se em risco de automação, nesses países, geralmente já têm acesso à Internet, tornando os efeitos da substituição por GenAI mais imediatos; ao mesmo tempo, trabalhadores que poderiam se beneficiar da ampliação de suas capacidades pela inclusão de ferramentas de GenAI (complementaridade), frequentemente, têm acesso limitado à conectividade, impedindo-os de tirar os melhores proveitos de tais tecnologias para ganho de produtividade. Como resultado, a GenAI pode acelerar a disrupção do mercado de trabalho antes de gerar benefícios econômicos coletivos, principalmente em contextos marcados por infraestrutura digital precária, o que, em síntese, amplifica a desigualdade global em vez de reduzi-la.

Os efeitos da incorporação sistemática da GenAI no mercado de trabalho não são apenas desiguais entre os países, segundo o grupo de renda em que se situam, mas também dentro deles. Padrões desiguais de distribuição e acesso a estas tecnologias, dentro de um mesmo país, são evidenciados, a partir dos resultados do estudo:

- Maior exposição entre trabalhadores com maior nível de escolaridade: o potencial de substituição por GenAI é desproporcionalmente identificado no escopo de atividades que demandam "trabalho intelectual" e, assim, fazem com que a exposição aumente conforme o nível de escolaridade;
- Disparidades de gênero: as mulheres ocupam em maior frequência, quando comparadas às contrapartes masculinas, cargos em funções administrativas, justamente aqueles que estão expostos a maiores riscos de automação por GenAI;
- Desigualdades etárias: os trabalhadores mais jovens apresentam maior exposição em certos contextos, particularmente em ocupações com uso intensivo de tecnologia digital, de menor apropriação entre as faixas etárias mais avançadas.

Tais evidências reforçam a ideia que a incorporação tecnológica está inserida em estruturas mais amplas de desigualdade. O conceito de divisão digital (do inglês *digital divide*), que destaca as disparidades no acesso à infraestrutura digital, às competências e às tecnologias entre e dentro dos países (https://doi.org/10.1016/j.techfore.2021.121359), auxilia a compreensão de como o acesso às tecnologias digitais se torna um fator mediador crucial. Sem

conectividade adequada, os trabalhadores não podem beneficiar dos efeitos de aumento de capacidades, mesmo que as suas tarefas sejam tecnicamente adequadas à complementaridade por GenAI, introduzindo uma assimetria estrutural na difusão/apropriação dos benefícios tecnológicos.

Além desses aspectos, sugere o estudo, a exposição tende a se correlacionar com os níveis de renda das distintas regiões/territórios dentro de um país, sendo os grupos de renda média e alta os mais afetados. Isso sugere que a GenAI pode, inicialmente, remodelar as ocupações da classe média, potencialmente comprimindo a distribuição de renda para baixo, em vez de elevar os grupos de renda mais baixa.

Inteligência Artificial Generativa (GenAI), divisão e desigualdade de gênero no mundo do trabalho

Em outro documento técnico, lançado em março deste ano, por ocasião do Dia Internacional das Mulheres (https://www.ilo.org/sites/default/files/2026-03/Research%20Brief%20GenAI_final0403_0.pdf), a OIT discute como a Inteligência Artificial Generativa (GenAI) está evoluindo em um ritmo sem precedentes e criando, ao mesmo tempo, oportunidades e desafios para para o mundo do trabalho. Inclusive, no que diz respeito ao aprofundamento da histórica desigualdade de gênero no acesso ao trabalho decente, a posições de liderança no mercado de trabalho e a oportunidades econômicas equitativas.

Segundo dados analisados no documento (a partir de informações levantadas em um conjunto de 84 países membros), cargos e funções predominantemente ocupados por mulheres, como algumas posições na administração de empresas e de suporte administrativo, têm quase o dobro da probabilidade de serem ameaçados pela GenAI (tanto em substituição quanto em complementaridade) quando comparados a cargos e funções predominantemente masculinas (29% mais chances, no caso de cargos e posições ocupados por mulheres contra 16% entre aqueles mais ocupados por homens). De acordo com o documento da OIT, as mulheres também enfrentam um risco de automação muito maior (16% para cargos e funções majoritariamente ocupados por mulheres contra 3% para aqueles com presença predominantemente masculina).

Ainda segundo a OIT, as mulheres estão mais expostas à GenAI do que os homens em 88% dos países participantes do estudo (n=74). Os níveis mais altos de exposição (mais de 40% das trabalhadoras em cargos ou funções expostas à GenAI) são encontrados em pequenos países insulares do Pacífico e do Caribe, em alguns países europeus, como a Suíça e o Reino Unido, e nas Filipinas. Isso provavelmente pode ser atribuído a uma maior participação de mulheres no setor de serviços e à rápida expansão da GenAI nesses setores.

Um importante dado apontado pelo estudo, e que nos dá algumas pistas sobre o papel da GenAI no mundo do trabalho, de agora aos próximos anos, diz respeito ao fato que os impactos mais abrangentes destas tecnologias incidem mais sobre a qualidade do emprego, e não sobre a oferta (quantidade). Sobretudo no que tange à reformulação de tarefas, organização do trabalho e habilidades. Nessa perspectiva, ao invés de substituir imediatamente os trabalhadores em determinados postos de trabalho, a GenAI deve intensificar a carga de trabalho, reduzir a autonomia do trabalhador e introduzir vieses na resolução de tarefas de trabalho. Assim, mesmo considerando o potencial que tais tecnologias representam para a melhoria da qualidade do trabalho (otimização de processos de solução de tarefas e buscas por informações, diminuição das exigências que produzem jornadas de trabalho extensas, síntese de evidências para a solução de tarefas complexas etc.), seu real impacto positivo somente será

alcançado quando a GenAI for projetada e implementada de forma inclusiva, com apoio de governos e instituições empregadoras com sólida reputação no mercado de trabalho e fortemente mediada pelo diálogo social.

E o futuro do trabalho, já chegou?

Poucos autores conseguem explicar os fenômenos associados à incorporação de tecnologias no mundo do trabalho atual, bem como seus impactos, diretos e indiretos, sobre a qualidade de vida e trabalho de um imenso contingente de trabalhadoras e trabalhadores, no Brasil e no mundo, que Ricardo Antunes, sociólogo, professor titular de sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Em seu artigo intitulado "Qual é o futuro do trabalho na Era Digital?", publicado em 2022 na Revista Laborare (https://www.revistalaborare.org/index.php/laborare/article/download/46/29), aborda os distintos processos disruptivos identificados no mundo do trabalho, a partir da incorporação de tecnologias digitais e algoritmos no cerne da organização do trabalho. Processos definidos como *plataformização* ou *uberização* e que, segundo o autor, resultam em uma precarização ampliada e multiforme das condições de vida e trabalho, onde os trabalhadores e trabalhadoras são as vítimas principais.

Segundo o texto de Antunes, no mundo do trabalho atual, marcado por empresas flexíveis e digitalizadas, quanto menos trabalho "vivo" nelas existir (atividades que demandam a presença física de trabalhadoras e trabalhadores), mais produtivas elas serão, mais global será o seu alcance e mais transnacionais serão os seus perfis. Neste contexto, a expansão das tecnologias digitais, como a GenAI, e sua apropriação em diferentes setores da economia, faz com que o trabalho esteja cada vez mais submerso à lógica da mercadoria e do valor, independente se é resultante de uma atividade predominantemente material (manual) ou imaterial (cognitiva). Para Antunes:

> *"Contra a 'rigidez' vigente nas fábricas do século do automóvel, a era do celular digital gera, então, sua tríade destrutiva em relação ao trabalho. Terceirização, informalidade e flexibilidade tornaram-se partes inseparáveis do léxico de empresa corporativa, seu novo leitmotiv"*
>
> **Ricardo Antunes. 2022, p.11**

Aqui, a distinção que o autor faz entre o chamado "trabalho vivo" e o "trabalho morto" (aquele que prescinde da presença do trabalhador para ser executado, como nos processos de trabalho automatizados ou executados por programação), ganha sentido e força como categoria para compreender os impactos da incorporação de Inteligência Artificial Generativa (GenAI) nos novos arranjos e contextos laborais, com potencial de tornar milhões de trabalhadoras e trabalhadores, em plenas condições laborais e, muitas vezes, altamente qualificados, cada vez mais descartáveis e supérfluos. Recorda que, se na Revolução Industrial, o trabalhador se tornava um "apêndice" da máquina, no processo disruptivo porque passa o mundo do trabalho contemporâneo, baseado na organização do trabalho por algoritmos e GenAI, o trabalhador

tende a se tornar, eventualmente, dispensável. Mas nem todo tipo de trabalhador se enquadra na condição de supérfluo ou descartável.

Em outro artigo, intitulado “O trabalho no capitalismo pandêmico: para onde vamos?” (https://morula.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Dialogos_WEB_06JUL.pdf#page=13), Ricardo Antunes alerta para o fato de que a apropriação das tecnologias de automação, baseadas em algoritmos e na inteligência artificial, pelo mundo do trabalho apresenta um real potencial de aumento dos níveis de pobreza, distanciamento do trabalho digno, redução de salários, aumento dos bolsões de desempregados, subempregados, precarizados e, assim, contribuindo para a continuidade das desigualdades e da miséria, ao redor do planeta. O aprofundamento das desigualdades no mundo do trabalho, segundo o autor, pode levar a um contexto onde grupos de trabalhadores mais qualificados, segundo o ideário do capital, seriam mantidos ocupados em atividades bem remuneradas, desenvolvidas em postos de trabalhos no topo da cadeia produtiva, enquanto se observará cada vez menos trabalho humano nos escalões intermediários e de base dessa cadeia - expulsos e substituídos por inteligência artificial, sempre e quando for possível.

O diálogo entre os textos de Ricardo Antunes e o Documento de Trabalho 166/2026 da OIT (https://www.ilo.org/sites/default/files/2026-03/wp166_web.pdf) mostra importantes convergências - e sinistras expectativas - sobre um “futuro do trabalho” cada vez mais presente e atual, nos levando a crer que, mesmo cientes que a incorporação de tecnologias, como a Inteligência Artificial Generativa (GenAI), no mundo do trabalho não deverá levar à extinção do trabalho humano, a degradação das condições de trabalho a que se submetem, cotidianamente e ao redor do planeta, milhares de trabalhadoras e trabalhadores, seguirá avançando, comprometendo a qualidade de vida e de trabalho desses indivíduos e aprofundando as desigualdades já existentes - com impactos desproporcionais entre os indivíduos e grupos tradicionalmente vulnerabilizados.

Conclusões

O estudo da OIT (https://www.ilo.org/sites/default/files/2026-03/wp166_web.pdf), aqui analisado, revela que os impactos da Inteligência Artificial Generativa (GenAI) são moldados não apenas pela capacidade tecnológica, mas também pelo nível de desenvolvimento econômico, pelas estruturas existentes no setor Trabalho, pela matriz econômica nacional e infraestrutura digital existente, em cada país. Enquanto os países com economias mais desenvolvidas enfrentam uma exposição geral maior - particularmente à automação -, os países em desenvolvimento se deparam com uma dinâmica mais complexa: podem sofrer disrupções no mundo do trabalho, com a incorporação de tecnologias de GenAI em diferentes setores da economia, sem os correspondentes ganhos em termos de produtividade, sobretudo em razão do acesso digital limitado.

Além disso, o estudo desafia narrativas embasadas em um determinismo tecnológico, demonstrando que o impacto real da GenAI no mundo do trabalho depende, ao mesmo tempo, das condições que promovem o acesso equitativo de trabalhadoras e trabalhadores aos distintos postos de trabalho, bem como das características dos processos e da organização do trabalho em cada país, ou grupos de países. Isto porque a incorporação da GenAI no trabalho não produz uma transformação global uniforme. Pelo contrário: reconfigura as desigualdades existentes, ampliando as disparidades entre e dentro dos países, convergindo com as evidências apresentadas e discutidas pelo professor Ricardo Antunes, cuja obra, há décadas, nos mostra que o futuro do trabalho decente - seguro, saudável, sustentável e equitativo -, depende de uma

ruptura com o modelo tecnocrático-positivista que se tornou paradigma hegemônico no mundo do trabalho, sobretudo a partir da ampla difusão do ideário neoliberal, ao redor do planeta, nas últimas décadas do século passado.

Embora uma tecnologia como a GenAI tenha o potencial de aumentar a produtividade e transformar o mundo trabalho, seus benefícios não se concretizam automaticamente, pois dependem de uma série de fatores estruturais que influenciam a forma como são apropriadas, impactando direta e indiretamente na qualidade de vida e de trabalho dos indivíduos. A divisão digital desempenha um papel central nos desfechos positivos e negativos. Em contextos de acesso digital facilitado, a incorporação da Inteligência Artificial Generativa (GenAI) nos processos de trabalho pode gerar, ao mesmo tempo, ganhos de produtividade e disrupção tecnológica e, em contrapartida, exacerbar desigualdades existentes, concentrando os ganhos entre trabalhadores e regiões já privilegiados.

O futuro do trabalho depende, portanto, da garantia de condições dignas de trabalho para todas as trabalhadoras e todos os trabalhadores, independentemente de sua qualificação, da complexidade das tarefas que desempenham e dos espaços que ocupam nas estruturas que alicerçam o mundo do trabalho, ao redor do planeta. Estratégia que somente poderá ser amplamente alcançada a partir do enfrentamento e da superação das históricas desigualdades - de raça, cor, gênero, etnia, classe social, formação, local de residência, entre diversas outras - a que trabalhadoras e trabalhadores estão submetidas/os, fazendo com que a apropriação de novas tecnologias, como a GenAI, pelo mundo do trabalho possa ser, ao mesmo tempo, disruptiva, no sentido da modernização de processos de trabalho, com ganhos de produtividade, e distributiva, no sentido de possibilitar melhores condições de trabalho para os trabalhadores, ao redor do planeta.

Neste 1º de Maio, marcado por toda a desesperança de um mundo em crise - ou em "crise de crises" -, onde trabalhadoras e trabalhadores, ao redor do planeta, sofrem as consequências de diferentes guerras e conflitos armados, vivem uma precarização extrema de suas condições de trabalho, lutam para ter acesso a empregos que ofereçam condições dignas de trabalho e convivem com o medo de serem substituídos por tecnologias como a GenAI, é preciso reafirmar a condição coletiva da luta pelo trabalho decente como última alternativa viável. Seja no contexto multilateral das instituições internacionais do setor Trabalho, como a OIT, seja na organização das representações de trabalhadoras e trabalhadores, nas diversas partes do planeta, é tempo de união e atenção.

As mesmas tecnologias da informação e da comunicação que tiram o trabalhador do chão de fábrica, dificultando sua organização para o enfrentamento coletivo das grandes questões que comprometem, em todo o planeta, as condições de trabalho, podem servir ao propósito de conectar experiências e aproximar trabalhadoras e trabalhadores, garantindo espaços de representação em fóruns internacionais que busquem garantir melhores condições de trabalho e, em outros temas, o uso racional e o acesso equitativo às tecnologias no mundo do trabalho. Mais que nunca, é necessário dizer, seja através de redes sociais, aplicativos de trocas de mensagens, plataformas de comunicação ou quaisquer meios que permitam que a mensagem seja ouvida: trabalhadores do mundo, uni-vos!